

Incentivos
e EscolhasLuís Cabral
lcabral@stern.nyu.eduINOVAÇÃO: O PÚBLICO
E O PRIVADO

É melhor ter duas cabeças pensando separadamente do que uma cabeça pensando pelos dois. Schumacher anunciou que "pequeno é belo", mas o que realmente é belo é o processo descentralizado de inovação

Dois livros recentes assumem posições diferentes — em certo sentido opostas — sobre o papel do Estado e do sector privado na inovação: "The Entrepreneurial State" (2013), de Mariana Mazzucato, e "How the Internet Became Commercial" (2016), de Shane Greenstein.

Mazzucato documenta de forma completa e convincente um facto por vezes desconhecido: os governos, nomeadamente o governo federal americano, financiam muitos projectos de investigação básica que acabam por ter utilização no sector privado. A frase mais chamativa no texto — múltiplas vezes repetida pelos *media* — é que várias das tecnologias do iPhone foram financiadas por dinheiros públicos.

O problema de Mazzucato é saltar de uma análise dos factos essencialmente correcta para uma prescrição pouco fundamentada (faz lembrar o livro de Piketty). Diz Mazzucato que o Estado tem de pensar em grande (*think big*): foi através do investi-

O Euro-2004 foi 'pensar em grande', mas grande foi o buraco orçamental

mento público que os Estados Unidos chegaram à Lua, e este esforço teve efeitos catalisadores em várias áreas de investigação. Não discordo dos factos, mas desconfio fortemente das conclusões. A Administração Reagan também investiu maciçamente durante os anos 80 na Strategic Defense Initiative (mais conhecida por "Star Wars"). Certamente teve efeitos positivos na inovação, mas não nos esqueçamos da dívida que gerou.

Mais: a prescrição de Mazzucato corre o risco de alimentar a política do elefante branco. Por algum motivo se utiliza a metáfora do "elefante", um animal grande que é perfeitamente consistente com *think big*. O Euro-2004 resultou de 'pensar em grande', mas a única coisa grande foi o buraco orçamental que criou. O TGV até Madrid também corresponde ao que Mazzucato tem em vista: estou certo de que levaria a muitos efeitos catalisadores, mas não podemos olhar a benefícios sem contabilizar custos.

Isto não é apenas uma questão teórica. Não assisti à conferência em que o ISEG convidou Mazzucato para explicar a importância de pensar em grande; mas imagino o entusiasmo da audiência

que, começando com o actual primeiro-ministro, imediatamente sugeriu projectos em que o Estado deveria investir. Não me surpreendo se, durante a discussão do próximo 'TGV', o nome de Mazzucato for invocado como "demonstração rigorosa" de que é esse o caminho a seguir.

Chegamos então ao segundo livro. Greenstein não nega o facto de a internet ter tido como predecessor a ARPANET, desenvolvida nos anos 60 com fundos da Defesa Nacional dos Estados Unidos. Mesmo durante os anos 80, quando o acesso à ARPANET foi alargado, o sistema continuou basicamente como uma rede de comunicação entre cientistas e académicos. O que é surpreendente na história da internet é como, a partir dos anos 90, uma multidão de pequenos e grandes inovadores (maioritariamente privados) foram gradualmente 'construindo', de forma essencialmente descentralizada, a maior revolução tecnológica das últimas décadas.

Para compreender a importância de um sistema descentralizado, pode ser útil pensar no 'milagre' do iPhone. O iPhone inclui hardware bem desenhado; um sistema operativo simples e elegante; uma série de programas (*apps*) criados pela Apple. Estes programas são em geral bons, diria mesmo muito bons. No entanto, para efeitos de leitor de livros, calendário, lista de tarefas, etc., etc., eu (e muitos outros utilizadores) prefiro programas escritos por terceiros. Em média as *apps* escritas pela Apple são melhores do que as *apps* escritas por terceiros; mas a melhor *app* escrita por terceiros é em média melhor do que a *app* escrita pela Apple.

Estamos perante um exemplo do fenómeno das estatísticas extremas. (O meu exemplo favorito: os chineses são mais baixos do que os holandeses, mas a equipa de basquete da China é mais alta do que a equipa de basquete da Holanda.) Para que este fenómeno se verifique, é fundamental que as *apps* escritas por terceiros resultem de processos independentes: 100 *apps* escritas pelo mesmo programador são provavelmente igualmente boas ou igualmente más. É esta a maravilha do processo descentralizado: é melhor ter duas cabeças pensando separadamente do que uma cabeça pensando pelos dois (isto assumindo que haja um mecanismo — por exemplo, o mercado — que selecione a melhor das duas ideias).

Schumacher anunciou que "small is beautiful", mas o que realmente é belo é o processo descentralizado de inovação.

Professor da Universidade de Nova Iorque e da Aese

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia